

REVISITANDO A ESTRUTURA DOS BLENDS LEXICAIS DE LAPSOS DE FALA (BL)

REVISITING THE STRUCTURE OF LEXICAL BLENDS FROM SLIPS OF TONGUE (BL)

Felipe Vital (UFRJ)

felital82@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-6868-5210>

Amanda Balduino (Unicamp)

amandamb@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1062-973X>

RESUMO: Este artigo examina blends lexicais oriundos de lapsos de fala (BL), resultantes de desvios não intencionais da fala devido a falhas no processamento linguístico. A partir de uma base de dados com 48 BLs, nossa análise segue critérios morfofonológicos como (i) bases envolvidas; (ii) estruturas silábicas-alvo e resultantes; (iii) constituintes internos da sílaba (onset e rima (núcleo e coda)); e (iv) pé-métrico. Utilizamos a Hierarquia Prosódica (Ito e Mester, 2012) para organizar a estrutura prosódica dos enunciados, focando na sílaba e no pé métrico como locus relevante para o processo de blending (Vital & Gonçalves, 2023). Os resultados indicam que os BLs são formados pelas mesmas forças que os blends fonológicos e morfológicos neológicos, entre as quais destacamos o compartilhamento de estatuto silábico entre bases e a escansão de pés métricos. Além disso, os BLs mostram que a semelhança segmental não é apenas um fator pragmático de sucesso, como apontam Vital & Gonçalves (2023) para blends neológicos, mas é também um fator relevante em contextos não intencionais de produção de blends, isto é, no caso dos BLs, a semelhança segmental parece ser ainda mais crucial do que nos blends neológicos.

PALAVRAS-CHAVE: blends; lapsos de fala; morfofonologia.

ABSTRACT: This paper examines lexical blends originated from slips of tongue (BLs), which result from unintentional speech deviations due to linguistic processing failures. Based on a dataset formed by 48 BLs, our analysis follows morphophonological criteria such as (i) involved bases; (ii) target and resulting syllabic structures; (iii) internal constituents of the syllable (onset and rhyme (nucleus and coda)); and (iv) metrical foot. We use the Prosodic Hierarchy (Ito and Mester, 2012) to analyse the prosodic structure of utterances, focusing on the syllable and the metrical foot as relevant loci for the blending process (Vital and Gonçalves, 2023). The results indicate that BLs are formed by the same forces that phonological and morphological neologisms, among which we highlight the sharing of syllabic status between bases and the scanning of metrical feet. Moreover, BLs show that segmental similarity is not only a pragmatic success factor, as pointed out by Vital & Gonçalves (2023) for neologisms, but is also a relevant factor in unintentional contexts of blend production, that is, in the case of BLs, segmental similarity seems to be even more crucial than in neologisms.

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.141441

2023). *The results indicate that BLs are formed by the same forces that create phonological and morphological neological blends (BNs), highlighting the sharing of syllabic status between bases and the scansion of metrical feet. Furthermore, BLs show that segmental similarity is not only a pragmatic success factor, as pointed out by Vital and Gonçalves (2023), but also a relevant factor for unintentional blend formation contexts. In the case of BLs, segmental similarity seems to be even more crucial than in neological blends.*

KEYWORDS: *blends; slips of tongue; morphophonology.*

1 Introdução

Neste texto propomos uma análise dos *blends* lexicais oriundos de lapsos de fala (doravante BL) com base em Balduino, Freitas e Espadaro (2022) e Vital e Gonçalves (2023). O primeiro trabalho examina BL a partir da tipologia dos lapsos de fala feita por Espadaro (2018) e tem por foco os aspectos fonológicos que caracterizam os BLs. Vital & Gonçalves (2023), por sua vez, fundamentados na centralidade da fonologia, propõem uma revisão da arquitetura gramatical do *blending* enquanto fenômeno morfofonológico de formação de palavras em português discutindo sobre as asserções em Minussi e Nóbrega (2014)/Nóbrega e Minussi (2015).

Propondo um terceiro estudo, que avance em relação às contribuições centrais dos dois trabalhos supracitados, colocamo-nos aqui a analisar a estrutura gramatical dos BLs a partir da proposta de gramática geral dos cruzamentos vocabulares proposta por Vital & Gonçalves (2023). Para tanto, partiremos de uma base de dados de compostas de BLs - presentes em Espadaro (2018), Balduino, Freitas e Espadaro (2022) -, além de considerarmos novos dados coletados naturalisticamente entre 2019 e 2024.

Com este empreendimento, tentamos responder às seguintes perguntas em relação (a) ao processo de Cruzamento Vocabular de modo geral e (b) aos BLs formados, devido à falha de processamento, a partir de meios formais que representam os cruzamentos vocabulares: 1) BLs constituem um conjunto especial de operações em relação à gramática dos cruzamentos vocabulares? 2) BLs ajudam a responder sobre questões relativas à semelhança fonética dos Cruzamentos vocabulares tipo 1 para Andrade (2008), tida por Vital & Gonçalves (2023) como ‘fator pragmático de sucesso’? 3) BLs ajudam a responder questões sobre qual subtipo de cruzamento vocabular (*blends* fonológicos x *blends* morfológicos para Minussi & Nóbrega (2014)) é mais emergente à gramática?

Este artigo está organizado do seguinte modo: na seção 2, discutimos a gramática dos *blends* em PB considerando, sobretudo, as propostas de Vital & Gonçalves (2023) e Minussi e Nóbrega (2014)/Nóbrega e Minussi (2015). Na seção 3, apresentamos os lapsos de fala e delimitamos o que compreendemos como *blends* de lapsos de fala, uma proposta que se distingue de Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022). A metodologia é delineada na seção 4 para, em seguida, na seção 5, iniciarmos nossa análise considerando a estrutura gramatical dos BLs a partir da proposta de gramática geral dos cruzamentos vocabulares proposta por Vital & Gonçalves (2023). Por fim, na seção 6, tecemos nossas considerações finais, retomando as questões norteadoras deste artigo.

2 Gramática dos *blends* em PB

O *blending* é um processo de formação de palavras em que duas ou mais palavras são cruzadas e, a partir desse fenômeno não-concatenativo, um novo item lexical é gerado (Beliaeva, 2019). A palavra ‘chafé’ constitui um exemplo de *blend*, visto que é formado pelo cruzamento vocabular dos vocábulos chá + café, significando ‘café fraco, feito com muita água e que, portanto, lembra um chá’. Esse fenômeno, no português brasileiro (PB), tem sido analisado por diferentes autores (Araujo, 2000; Gonçalves, 2003; 2009; Andrade, 2008; Minussi; Nóbrega, 2014; Nóbrega; Minussi, 2015; Vital; Gonçalves, 2023), sendo que, entre os estudos mais recentes, o trabalho de Vital & Gonçalves (2023) apresenta uma outra proposta de abordagem quanto à constituição dos *blends* lexicais (ou ‘cruzamentos vocabulares’) em português brasileiro (PB) em relação a Andrade (2008) e Minussi & Nóbrega (2014)/Nóbrega e Minussi (2015).

Sobre esses três últimos textos, o primeiro deles, na esteira da interface entre a morfologia e a fonologia, separa os *blends* em “cruzamento vocabular interposição lexical”, “combinação truncada” e “substituição sublexical”; os dois últimos, à luz da Morfologia Distribuída, entendem o processo, respectivamente, como “*blends* fonológicos”, “*blends* morfológicos” e “*blends* semânticos”. Vital e Gonçalves (2023), em contrapartida, dão à fonologia um papel crucial na arquitetura gramatical dos *blends* em PB. Os autores atribuem à hierarquia de constituintes prosódicos, na figura dos constituintes “sílaba” e “pé métrico”, o

lócus para a formação de *blends* em português - uma análise que também se distingue de Andrade (2008)¹.

Ao comparar as propostas de Andrade (2008) e Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015), é possível observar uma correlação entre os tipos de *blends* propostos pelos dois textos. Entretanto, enquanto Andrade (2008) dá à fonologia – ao lado da semântica - um papel de “importância primária”, Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015) atribuem a ela uma “importância secundária”. A partir do panorama teórico da Morfologia Distribuída, os autores, em ambos os trabalhos, entendem a fonologia enquanto epifenômeno da motivação semântica por trás dos *blends* fonológicos, isto é, sob essa perspectiva, a fonologia não ocupa um papel primordial ao engatilhar o *blending*.

Ainda cotejando os trabalhos de Andrade (2008) e de Minussi & Nóbrega (2014)/Nóbrega e Minussi (2015), podemos observar alguns pontos de concordância entre os estudos. Ao contrapô-los, notamos que os cruzamentos vocabulares por interposição lexical/*blends* fonológicos são entendidos, por Andrade (2008) e por Minussi & Nóbrega (2014)/Nóbrega e Minussi (2015), com base no conceito da ambimorfemia (ver Gonçalves, 2006), isto é, a partir da *sobreposição de elementos idênticos* (elementos negritados em (1)). Neste sentido, ambas as perspectivas entendem este subtipo de *blend* por questões de semelhança fonético-fonológica entre segmentos das duas bases. Exemplos de dados deste subtipo, extraídos de Villalva & Minussi (2022), seguem abaixo:

(1)

traficante	+	crente	→	traficrente
cão	+	candidato	→	cãodidato
burka	+	biquíni	→	burkini

¹ A esse respeito, Vital & Gonçalves (2023) não consideram “substituição sublexical/*blends* semânticos” como um subtipo de cruzamento vocabular, uma vez que este tipo de construção, como evidenciado por “madrasta → (ma)drasta → (boa)drasta”, parte de apenas um único *input* (ver Gonçalves (2003)), isto é, “substituição sublexical/*blends* semânticos” parte de uma única palavra morfológica como base do processo. *Blends* legítimos, de outro modo, mesclam duas palavras morfológicas, como “namorado + marido → namorido” e “carnaval + copa → carnacopa”.

Em contrapartida a essa perspectiva voltada para o segmento como unidade fonológica de sobreposição, Vital & Gonçalves (2023) entendem este subtipo de cruzamento vocabular a partir do compartilhamento de estatuto silábico, uma vez que nem todos os exemplos de blends deste tipo apresentam correspondência idêntica entre os segmentos das bases envolvidas na fusão. Logo, em dados como “balão + óvini = balóvini; cantor + autor = cantautor”, temos um exemplo no qual os elementos em negrito, mesmo não sendo vogais idênticas, estão envolvidos no ponto de fusão das palavras.

Tanto nos exemplos imediatamente acima, em que a correspondência é não-idêntica, quanto nos exemplos contidos em (1), em que a correspondência é idêntica, o que há de inequívoco é a correspondência de estatuto silábico dos elementos envolvidos. Assim, uma perspectiva de “ambimorfemia” que leve em consideração o compartilhamento de estatuto silábico tem poder generalizante maior do que se entender a ambimorfemia como a perspectiva “clássica”, com base em Gonçalves (2006), que repousa no compartilhamento de segmentos.

Pensando no caso dos cruzamentos vocabulares por combinação truncada/*blends* morfológicos, tanto Andrade (2008) quanto Minussi & Nóbrega (2014) entendem este subtipo pela perspectiva da não ambimorfemia/não sobreposição de segmentos idênticos, acompanhado pelo truncamento de uma das bases. Nesses casos, as bases emprestam, sistematicamente, uma ou mais sílabas para o produto. Um exemplo clássico deste subtipo de cruzamento vocabular pode ser verificado em “chocolate + panetone = chocotone” e em outros dados evidenciados em (2) (extraídos de Vital & Gonçalves (2023)):

(2)

carnaval	+	copa	→	{[carna]F [copa]F}w
macumbeiro	+	crente	→	{[macum]F[crente]F}w
brasileiro	+	uruguaio	→	{[brasi]F [guaio]F}w

Para Vital & Gonçalves (2023), como se pode ver em (2), o material cedido pelas palavras-base ao produto à direita do sinal de igual coincide com um pé-métrico em PB, majoritariamente binário, a nível de sílabas e de mora. Nos dados acima, os F representam os pés métricos, enquanto os W representam as palavras prosódicas. Assim, eles entendem a categoria prosódica “pé métrico” como o domínio para realização do *blending* no caso deste subtipo de cruzamento vocabular.

Os autores argumentaram – e tais fatores são estado-da-arte no estudo do acento na fonologia gerativa - em favor do pé métrico pelo fato de que

(A) as bases envolvidas no processo cedem uma de suas bordas para o processo, (B) a sequência de sílabas escaneada para o processo nunca é interna à palavra, no sentido de *ta[pi.o]ca e (C) blends morfológicos não cedem sílabas aleatórias de uma palavra, como *[[vo]]ta[[ção]], mesmo que estas sílabas ocupem cada qual uma das borda. Logo, sendo sempre uma SEQUÊNCIA que se encontra em uma das MARGENS DA PALAVRA (Vital; Gonçalves, 2023, p. 133).

De fato, desde Liberman e Prince (1977) e Prince (1983), os fatores reunidos de (A) a (C) acima ressoam no estudo do acento e dos pés métricos dentro da perspectiva formal da fonologia gerativa. Por (A), a relação entre constituintes prosódicos e bordas tem sido bastante reconhecida, sobretudo por *Generalized Alignment* (McCarthy; Prince, 1993); por (B), entende-se uma “grandeza inversamente proporcional” ao que é trazido em (A); em (C), o que está em jogo é a adjacência, noção que foi proclamada como fundamental na formação dos pés métricos (ver Liberman e Prince (1977)).

Assim, como se pode ver, Vital e Gonçalves (2023), postulando domínios prosódicos como locus da formação dos dois subtipos legítimos de cruzamentos vocabulares em PB, atribuem à fonologia crucialidade no que diz respeito aos *blends*. Além disso, ao postularem o pé métrico como “razão de ser” do que Minussi e Nóbrega (2014) chamaram de “*blends* morfológicos”, se posicionam em favor de que todo *blend* seja fonológico em si mesmo. Neste sentido, a diferença são os constituintes prosódicos que se constituem como domínio para cada subtipo de *blending*: a sílaba para os cruzamentos vocabulares por interposição lexical/*blends* fonológicos (cantor + autor → cantautor); e o pé métrico para os cruzamentos vocabulares por combinação truncada/*blends* morfológicos ([sapa]tão + fute[bol] → sapabol).

Do ponto de vista semântico-cognitivo, Vital & Gonçalves (2023) entendem *blends* como produtos de mesclagens conceituais entre duas bases, postulando que forma e cognição atuam paralelamente no caso dos cruzamentos vocabulares em PB. Ainda nesta perspectiva, o produto dos *blendings* sempre ativa cognitivamente as bases, que são intencionalmente escolhidas nos casos “prototípicos” dos cruzamentos vocabulares. Discutida a literatura referente à gramática dos *blends* em PB, apresentamos, na seção seguinte, o referencial teórico referente aos blends de lapso de fala.

3 Blends de lapso de fala

Lapsos de fala (*slips of the tongue*) são comumente definidos como um desvio não intencional da fala que ocorre de maneira inesperada em decorrência da falha do processamento linguístico. Esses desvios envolvem unidades linguísticas distintas, podendo ser divididos em lapsos fonológicos, morfológicos e de palavras (cf. Dell, 1986). Nos dados de (3) a (5), retirados de Espadaro (2018), temos lapsos que envolvem trocas de palavra (3), ao qual a autora refere como lapsos semânticos, bem como lapsos que envolvem a proximidade fonológica entre o item alvo e o lapso, como em (4). O dado em (5) Espadaro (2018) classifica como morfológico, uma vez que envolve morfemas, ao passo que (6) e (7) configurariam, de acordo com a perspectiva da autora, *blends* de palavras.

(3) Coube tudo no **congelador** (alvo) → coube tudo no **liquidificador** (lapso)

(4) **Vigia** a porta (alvo) → **viaja** a porta (lapso)

(5) **Singular Masculino** (alvo) → **singulino masculino** (lapso)

(6) Não posso correr senão a tosse ataca (alvo) → não posso correr senão a **toque atassa** (lapso)

(7) Tchau amor, boa aula/natação (alvo) → tchau amor, boa **naula**

É justamente sobre casos como (7), isto é, os lapsos produzidos mediante *blending*, que nos dedicaremos neste estudo. A esse respeito, é importante ressaltar que, diferentemente de Espadaro (2018), compreendemos os dados (5) e (6) como permutas e apenas (7) como *blend*, e, portanto, discordamos da autora em relação ao que entendemos como *blending*². Neste artigo, assumimos como BLs lapsos cujo resultado é uma relação de entranhamento segmental mais “radical”, ou seja, diferentemente de permutas como (5) e (6), em que temos dois itens como resultado de sobreposições segmentais, em (7) duas palavras morfológicas se tornam uma única palavra nos BLs.

Amplamente estudados (ver Nooteboom, 1969; Fromkin, 1971; Boomer; Laver, 1973; Garrett, 1975; Dell, 1986; Warker; Dell, 2006; Bencini, 2017; Espadaro, 2018; Syukri, 2018;

² Em (5), consideramos que há uma permuta com base em estatuto silábico/semelhança sonora, em (6) a permuta ocorre em função ao estatuto silábico e (7) é *blend* fonológico baseado em estatuto silábico/semelhança segmental. *Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

Alderete, 2019; Balduino Freitas e Espadaro (2022), entre outros), sobretudo na psicolinguística, os lapsos de fala constituem uma importante fonte de dados para análise e compreensão do conhecimento linguístico. A esse respeito, e como evidenciados por diferentes trabalhos como Nooteboom (1969), para o holandês; Fromkin (1971), Garrett (1975) e Stemberger (1982), para o inglês; Syukri (2018) para o indonésio; e Iliovitz (2007), Espadaro (2018), Scher e Terribile (2021) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022), para o português, regularidades são observadas na produção dos lapsos, o que leva a autores como Dell (1986) a propor, inclusive, uma teoria de produção linguística.

De acordo com o autor, os lapsos, para além de respeitarem restrições linguísticas da língua alvo (fonológica, morfológica, sintática e semântica), trazem respostas interessantes sobre o processamento da linguagem, visto que o funcionamento interno de um sistema linguístico altamente complexo pode ser, justamente, revelado pelo modo como esse mesmo sistema ‘falha’ (Dell, 1986). Logo, a partir dessa assunção teórica, Dell (1986) propõe uma teoria que busca especificar os tipos de ‘falhas’ ou ‘colapsos’ do sistema que promovem a produção de um lapso, bem como as restrições formais aplicadas à produção desses desvios de fala e os possíveis gatilhos que o desencadeiam. Para tanto, o autor foca em aspectos fonológicos dos lapsos de fala, indicando que a fonologia é um dos aspectos atuantes no modo como o conhecimento linguístico é representado e recuperado.

A fonologia é também foco do trabalho de Balduino, Freitas e Espadaro (2022), cujo objetivo é a análise da estrutura fonológica de *blends* lexicais de lapsos de fala, isto é, de dados como (7) ‘boa naula’ (lapso). Dessa forma, considerando palavras formadas por blending e resultantes de uma falha de processamento linguístico, como evidenciado pelo item (7), mas também por dados como mosquilongo (pernilongo+mosquito), as autoras examinam um corpus composto por *blends* de lapsos de fala coletado em contexto naturalístico.

Baseadas em critérios como traços segmentais, acento lexical e estruturas silábicas, Balduino, Freitas e Espadaro (2022) notam, a exemplo de Fromkin (1971) para o inglês, que as propriedades fonológicas dos lapsos são realizadas de acordo com o paradigma gramatical do português brasileiro. Para além desse achado, as autoras ressaltam que os *blends* lexicais de lapsos, similarmente aos *blends* neológicos (intencionalmente criados), demonstram estruturas fonológicas similares, isto é: “apresentam uma relação segmental de “um-para-muitos” (Balduino; Freitas; Espadaro, 2022, p. 18), em que um ou mais traços fonológicos são compartilhados mediante sobreposição”. Além disso, as autoras ressaltam a relevância de

compartilhamento de estruturas silábicas e, quando envolverem acento lexical distinto, destacam que proeminência do lado recursivo, isto é, geram *outputs* com acento mais à direita.

A análise de Balduino, Freitas e Espadaro (2022) sugere, portanto, que, para a produção de lapsos, o processamento da informação fonológica é fundamental, visto que as semelhanças fonológicas, tais como traços fonológicos e suas classes naturais, segmentos, estrutura silábica e acento, podem impactar a organização e o mapeamento das representações mentais e, assim, constituir um gatilho para a produção de BLs.

Esse resultado dialoga com a proposta Vital & Gonçalves (2023) para *blends* lexicais intencionalmente criados, visto que, como discutido na seção anterior, os autores também defendem ser a fonologia um componente crucial para a produção desse processo morfofonológico, sobretudo a sílaba e o pé métrico (Ito; Mester, 2012).

Vital & Gonçalves (2023) propõem a existência de dois subtipos de blends lexicais em decorrência da formação de palavras mediante o processo de cruzamento vocabular: (i) *blends* “fonológicos” (contando a sílaba como seu domínio) e (ii) ‘morfológicos’ (contando o pé métrico como seu domínio). Dito isso, e assumindo que o *blending* ocorre também como produto de lapsos de fala, questionamos, neste artigo, se BLs também podem ser avaliados conforme a proposta por Vital & Gonçalves (2023).

Balduino, Freitas e Espadaro (2022) já apontam para a relevância da fonologia nos BLs, todavia, no trabalho em questão, não foi avaliada a relevância do pé métrico no processamento de BL, tampouco investigou-se a atuação dos constituintes internos da sílaba (*onset* e rima (núcleo e coda)). Ademais, as autoras, assim como Espadaro (2018), partem de uma perspectiva distinta de BLs daquela adotada aqui. De modo a ampliarmos os estudos em BLs do PB, visamos, então, revisitar e reavaliar os BLs investigados por Balduino, Freitas e Espadaro (2022), além de ampliar nossa base de dados, de modo a contribuirmos com os estudos dedicados ao *blending* enquanto processo morfofonológico e aos lapsos de fala como dados potenciais para melhor compreensão de processamento da linguagem. Na seção a seguir, apresentamos nossos métodos.

4 Metodologia

Este artigo parte de uma base de dados coletada em contexto naturalístico por Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2023), bem como por dados inéditos coletados pelos autores desta pesquisa, entre 2019 e 2024. Seguindo os métodos de Fromkin (1971) e Espadaro

(2018), os lapsos foram coletados a partir de sua produção um contexto natural e espontâneo de fala, sendo compilados em interações pessoais, bem como levantados em programas de televisão, sobretudo aqueles ao vivo, e vídeos publicados na internet. Os lapsos, ao serem percebidos, eram imediatamente anotados no bloco de notas do celular, juntamente com: (i) contexto pragmático de sua produção; (ii) transcrição fonética de oitiva e (iii) alvo linguístico pretendido, o qual era imediatamente enunciado pelo falante em seguida ao se corrigir. Consideramos lapsos apenas os casos em que o próprio falante realizava a autocorreção, o que era comumente realizado com efeitos de comicidade entre os interlocutores que presenciaram o lapso. Posteriormente, todos esses dados foram registrados em uma tabela no Excel.

Coletamos, inicialmente, 107 lapsos, os quais foram submetidos a uma inspeção inicial de modo a observarmos quais deles apresentavam cruzamento segmental. Dentre os 107 dados inicialmente levantados, observamos a presença de 73 dados que envolviam: (i) duas palavras morfológicas alvos (bases A e B); (ii) não-concatenatividade dos processos (morfo)fonológicos envolvidos e (iii) relação de “entranhamento segmental” entre as bases A e B, como indicado em dados (8), (9) e (10):

(8) coloca o joelho no **cholo** (lapso) → coloca o joelho no chão/solo (alvo)

(9) não acho que foi **blaby blues** (lapso) → acho que não foi baby blues (alvo)

(10) **roda de Notapé** (lapso) → nota de rodapé (alvo)

O exame de dados como (8), (9) e (10) nos permitiu identificar três padrões morfofonológicos distintos produzidos mediante lapsos de fala: *blending* (i); espalhamento (ii) e permuta (iii), uma verificação que ainda não havia sido reportada pelos estudos anteriores consultados (cf. Espadaro, 2018; Balduino, Freitas e Espadaro, 2022) e que será, posteriormente, examinada em mais detalhes em pesquisas futuras. Neste artigo, nosso foco recairá sobre o fenômeno de *blending*, o que resultou em uma base de dados formada por 48 Bl's, os quais podem ser conferidos nos anexos³.

A partir da base de dados composta por 48 *blends*, nossa análise seguiu os seguintes critérios morfofonológicos: (i) bases envolvidas; (ii) estruturas silábicas-alvo e resultantes; (iii)

³ Os dados do anexo estão no hiperlink [tabela dados blends lapsos de fala Vital e Balduino 2024.docx](#). (Dados de Amanda Balduino e Mayara Espadaro)

constituintes internos da sílaba (*onset* e rima (núcleo e coda)) e (iv) pé-métrico. Para tanto, nos pautamos na Hierarquia Prosódica (Ito; Mester, 2012), partindo de um modelo de organização da estrutura prosódica dos enunciados linguísticos, dentre os quais nos concentramos na sílaba e no pé métrico. Nossa hipótese inicial, a esse respeito e baseados em Vital e Gonçalves, (2023) é que BLs, do mesmo modo que *blends* neológicos, possam ser compreendidos como *blends* fonológicos x *blends* morfológicos, sendo a fonologia crucial em ambos os subtipos. Não nos debruçamos na questão de traços fonológicos, uma vez que, assumimos, a partir de Balduino, Freitas e Espadaro (2022), sua relevância em BLs.

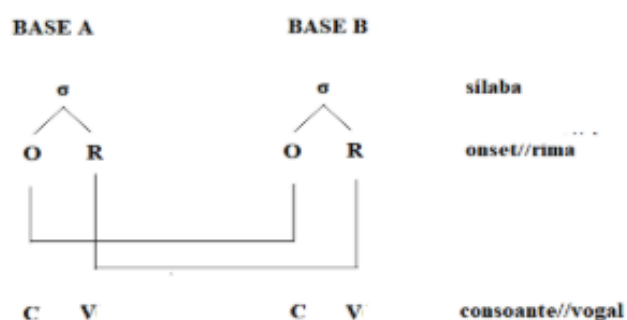
Especificados nossos dados e métodos, apresentamos, a seguir, nossos resultados.

5 Análise dos *blends* de lapsos de fala (BL)

De acordo com o que vimos na seção “gramática dos *blends*”, Vital & Gonçalves (2023) entendem o blending enquanto um processo: (i) bifurcado em dois subtipos - *blends* fonológicos e *blends* morfológicos; (ii) constituído na conjugação entre questões fonológicas (i.e., *blends* fonológicos: estatuto intrassilábico; *blends* morfológicos: escansão de pés métricos das bases) e semântico-cognitivas; (iii) mesclado conceptualmente de forma consciente em uma perspectiva semântica, resultando em um produto que ativa as duas bases envolvidas.

No que tange aos *blends* fonológicos, o padrão de fusão, com base nos autores, pode ser formalizado conforme (11):

(11) Correspondência intrassilábica em *blends* fonológicos



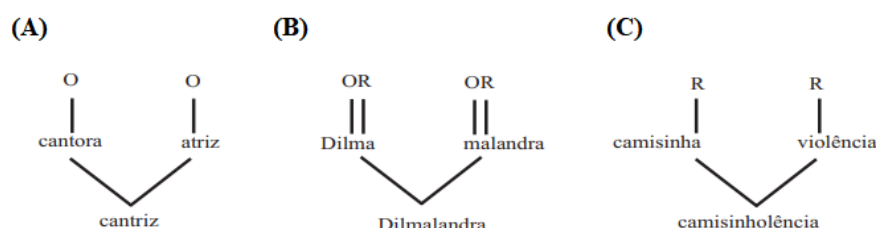
Fonte: elaboração própria.

Na representação em (11), cada uma das bases, A e B, corresponde a um dos “polos lexicais” da fusão, que é feita com base nos segmentos no ponto-de-fusão, os quais se fundem

no processo em decorrência do papel nas sílabas. Nesse sentido, para Vital & Gonçalves (2023), a fusão, neste subtipo de *blending*, é guiada pelo estatuto intrassilábico - se *onset* ou rima - de modo que a identidade segmental dos segmentos do ponto de fusão das bases (i.e os valores de C e V) é uma informação a mais, não a força motriz do processo.

Ainda para os autores, no caso dos blends fonológicos, os padrões de fusão são (A) [Onset]+[Onset], (B) [Onset-Rima]+[Onset-Rima] e (C) [Rima]+[Rima], como se pode ver abaixo, na representação extraída dos autores em (12):

(12) Correspondência intrassilábica em blends fonológicos II



Fonte: Vital & Gonçalves (2023, p. 129).

Sumarizando, portanto, a perspectiva dos autores, da qual partimos, os domínios intrassilábicos relevantes para o mapeamento da fusão são “onset” e “rima”, resgatados pelos seus subconstituintes mais proeminentes (i.e primeira posição de *onset* e núcleo, respectivamente), de modo que subconstituente “coda” só é relevante quando a vogal nuclear também faz parte do ponto de fusão. A partir desta assunção, analisamos os BLs em (13):

(13)

- | | |
|---------------|--|
| 1. formologia | (bases: form <u>a</u> do + fon <u>o</u> logia) |
| 2. bolsou | (bases: bol <u>so</u> naro + <u>vo</u> ltou) |
| 3. maycelo | (bases: <u>ma</u> yara + <u>ma</u> rcelo) |
| 4. colanda | (bases: <u>co</u> lônia + <u>Ho</u> landa) |
| 5. sh[ɔ]ck | (bases: sh <u>o</u> w + r <u>o</u> ck) |
| 6. pruto | (bases: pre <u>t</u> o + pu <u>r</u> o) |
| 7. osax | (bases: os <u>a</u> sco + aud <u>a</u> x) |
| 8. ataquia | (bases: ata <u>que</u> + alerg <u>ia</u>) |
| 9. analu | (bases: an <u>o</u> boense + pang <u>a</u> lu) |
| 10. tinheiros | (bases: t <u>i</u> etê + p <u>i</u> nheros) |

Os dados em (13) indicam que a semelhança fonético-fonológica dos segmentos do ponto-de-fusão pode ser um fator relevante para o *blending*. A esse respeito, evidenciamos ora a correspondência segmental total, como em ‘maycelo’, em que temos a coincidência de [m] e

[a] das bases [ma]yara + [ma]rcelo, ora observamos a coincidência de traços segmentais, como em ‘sh[ɔ]ck’, item no qual o ponto de fusão ocorre em uma vogal posterior arredondada, isto é, [o] da base ‘show’ e [ɔ] da base ‘rock’. Apesar dessas similaridades, também em BLs estas semelhanças segmentais não constituem condição *sine qua non* para a formação de *blends* fonológicos, já que nos dados (1 e 9) a fusão aconteceu entre segmentos distintos entre si fonética e fonologicamente (cf. Balduino, Freitas e Espadaro (2022) para uma discussão sobre traços segmentais e BLs).

Em ‘formologia’, por exemplo, apesar das sobreposições segmentais ou de traços segmentais que envolvem as bases ‘[fo]r[m]ado’ e ‘[fo][n]ologia’, onde temos a coincidência segmental da sequência [onset + núcleo] da primeira sílaba em [fo], bem como a reincidência do traço [nasal] em [m] e [n], a fusão ocorre no núcleo da segunda sílaba (bases: formado + fonologia), uma posição que, exceto por ambos os segmentos serem vogais, não há qualquer semelhança segmental. Resultado similar é evidenciado por ‘analu’ (bases: anoboense + pangalu), *blending* que envolve a posição de núcleo, no qual o ponto de fusão se dá entre vogais, [o] e [a], com traços diferentes e não coincidentes.

Investigando os dados em (13), é possível perceber, por um lado, que as similaridades fonéticas e fonológicas dos segmentos das bases envolvidas nos BL’s, parece ser um fator relevante para o processamento linguístico e sua respectiva falha na produção de lapsos, como evidenciado por Balduino, Freitas e Espadaro (2022) e observado, inclusive, em outros lapsos que não envolvem *blending*, como Vigia a porta (alvo) → viaja a porta (lapso), em que as similaridades fonológicas entre os itens ‘vigia’ e ‘viaja’ atuam como um possível gatilho para o lapso. Por outro lado, as semelhanças fonéticas e fonológicas entre os segmentos do ponto-de-fusão, no caso de *blendings*, não é o ponto central para produção do fenômeno, visto que os itens mostram que o *blending* ocorre por conta de compartilhamento de estatuto intrassilábico, conforme descrito por Vital & Gonçalves (2023).

Os autores entendem, a partir de uma base empírica formada por *blends* intencionalmente produzidos (i.e., aqueles que não são resultantes de lapsos de fala), a semelhança segmental como um “fator pragmático de sucesso” (Vital; Gonçalves, 2023, p. 128). De um prisma lógico, em caso de lapsos de fala, “desvios” que emergem de falhas de processamento linguístico, é inviável sustentar uma afirmação em torno de “fator pragmático de sucesso”.

Observando os dados oriundos de lapsos de fala (BLs) e os *blends* intencionalmente criados (BNs), entendemos que a semelhança fonético-fonológica e o compartilhamento de

estatuto intrassilábico são altamente relevantes e interrelacionadas, mas com diferentes “hierarquias” entre si, como se pode ver em (14):

(14)

BN: estatuto intrassilábico >> similaridade/semelhança segmental

BL: similaridade/semelhança segmental >> estatuto intrassilábico

Especificamente sobre o ponto-de-fusão, quanto mais semelhança fonético-fonológica, maior o compartilhamento intrassilábico (ver dados como 2 ‘bolsou’ e 3 ‘maycelo’ em (13)); e, quanto menos semelhança no ponto-de-fusão, menor o compartilhamento intrassilábico entre as bases. Assim, com base em dados de blends fonológicos intencionalmente criados (BN) ou não-intencionalmente criados (BL), pode-se generalizar que, em relação ao ponto-de-fusão: *se não há similaridade sonora, apenas um elemento intrassilábico - onset ou rima - é envolvido no blend.*

A semelhança fonético-fonológica é mais que “fator pragmático de sucesso”, posição defendida por Vital & Gonçalves (2023). Uma abordagem que descarte a semelhança segmental como fator pragmático (como a representação em (14)) permite que esta similaridade, portanto, seja tratada a partir de expedientes formais tal como a questão do estatuto intrassilábico, que entendemos ser a força motriz dos *blends* fonológicos. Neste sentido, compreendemos aqui, de acordo com a generalização do parágrafo acima, que a semelhança segmental alimenta o compartilhamento de estatuto intrassilábico no ponto-de-fusão relativo às duas bases envolvidas no *blending*.

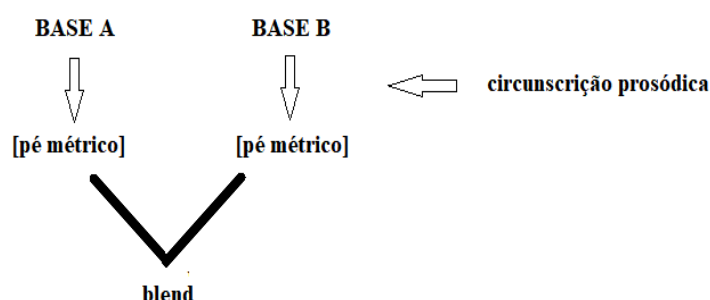
Discutidos os dados de BL sob uma perspectiva fonológica, analisamos também os blends de lapsos partindo de uma contraparte semântico-cognitiva. Para Vital e Gonçalves (2023), *blending* é um processo que consiste na mesclagem-conceptual de espaços mentais cujo produto ativo as duas bases envolvidas no processo (como “namorado” em que se vê “namorado” e “marido”; ou em “chocotone”, em que se vê “chocolate” e “panetone”), quando o *blend* é intencionalmente criado. Em caso de *blends* oriundos de lapsos, criados não-intencionalmente, a mesclagem conceptual responde pelos dados em que o lapso funde dois elementos lexicais passíveis de ocupar o mesmo lugar na estrutura sintagmática, ou seja, dois elementos que estão em relação “paradigmática” (ex: rabo vs cauda → “rauba”).

Ainda sobre BLs, a recuperabilidade das duas bases não é condição primeva à emergência destes blends, e a explicação para isto é justamente o fato de não serem

intencionalmente criados (mesmo considerando BLs formados pela fusão de elementos lexicais em relação sintagmática, como em “peguei sustentabilidade e linguagem → (peguei) sustentabil¹linguagem”).

Vital & Gonçalves (2023) também se ativeram aos chamados “*blends* morfológicos”, cuja regularidade repousa na categoria prosódica chamada de “pé métrico”. Neste subtipo de *blending*, informações internas à sílaba não são, em geral, relevantes no mapeamento entre as bases, de modo que o ponto-de-fusão coincide com o limite da escansão dos pés métricos, circunscritos da base (ver McCarthy e Prince (1990)), na formação do produto.

(15) Correspondência entre pés métricos em blends morfológicos



Fonte: elaboração própria.

A representação acima traduz a natureza dos blends morfológicos à luz de Vital & Gonçalves (2023) para os *blends* intencionalmente produzidos. Cada base, A e B, empresta, a partir da função de circunscrição prosódica, um pé métrico para o produto, de modo que a borda esquerda do material cedido pela base A esteja ancorado à borda esquerda da palavra prosódica do produto ($\epsilon[\text{votação}]_{\text{D}} \rightarrow \epsilon[\text{vota}]$) e a borda direita do material cedido pela base B ($\epsilon[\text{cartoon}]_{\text{D}} \rightarrow [\text{toon}]_{\text{D}}$), portando o acento lexical no output esteja ancorada à borda direita do produto de BL ($\epsilon[\text{votação}]_{\text{D}} + \epsilon[\text{cartoon}]_{\text{D}} \rightarrow [\epsilon[\text{vota}][\text{toon}]_{\text{D}}]$).

Como tendência geral do *blending* para caso de BNs, a formação de *blends* fonológicos é qualitativamente maior (80%) que a formação de *blends* morfológicos (20%) (cf. Gonçalves (2006)). No que concerne a dados oriundos de lapsos de fala, BLs, a nossa coleta de dados até este momento atesta que seguem a mesma preponderância empírica de blends fonológicos ($46/48 \cong 95.8\%$) sobre blends morfológicos ($2/48 \cong 4.2\%$), seguindo a tendência dos *blends* neológicos (i.e., que são intencionalmente formados). Exemplos de blends morfológicos oriundos de lapsos de fala podem ser conferidos em (16):

(16)

1. “...possibilidade de ressilabificação” → [possi][bili]dade + ressilabifica[ção] → possibilidade
2. “...morreu de brisadeiro” (onde: brisadeiro $\rightleftharpoons$ brigadeiro + brisa) → [briga]deiro + [brisa] → brigabrisa

Olhando os dados em (16), o primeiro item, 1., emerge de uma relação sintagmática entre as bases envolvidas (possibilidade + ressilabificação), enquanto o segundo item, 2., emerge da relação paradigmática (brigadeiro + brisa) que está na base da mesclagem conceptual em “brisadeiro”, um *blend* já com um grau de lexicalização avançado.

O item 1. tem como dissonante, em relação a BNs, o fato de que a base A (“possibilidade”) empresta dois pés métricos (visualizados em (16) por uma sequência de [...]) para o produto, enquanto a base B empresta uma sílaba pesada, que equivale a um formato de pé métrico (cf. Hayes (1995)). Em ambos os itens, os pés métricos cedidos pelas bases correspondem ao que Hayes chamou de troqueu moraico, isto é, reunião de duas sílabas sem coda adjacentes, entre as quais a sílaba mais à esquerda é a acentuada (* .)⁴, e esta configuração rítmica é preponderante em PB.

Como se viu, blends oriundos de lapsos de fala compartilham com *blends* intencionalmente criados as propriedades mais fundamentais, no polo formal, no que diz respeito aos dois subtipos de *blending*, analisando os dados coletados por Espadaro (2018), Balduini, Freiras e Espadaro (2022), bem como os novos dados considerados neste estudo. Como vimos, os BLs fonológicos são maioria significativamente relevante em relação aos BLs morfológicos.

Em relação ao polo semântico-cognitivo, vimos que lapsos de fala, tanto no caso de fonológicos quanto no caso de morfológicos, podem gerar *blends* semanticamente não-recuperáveis no produto. A recuperabilidade das bases é, seguindo Gonçalves (2003) e Vital & Gonçalves (2023), uma das propriedades semântico-cognitivas mais importantes dos *blends*, ao lado da mesclagem conceptual destas mesmas bases, no caso de BNs. No caso de BLs, produtos cujas bases não são recuperáveis vêm à superfície devido à não-intencionalidade na produção de *blends* em lapsos de fala. Não é estranho que a não-intencionalidade seja capaz de produzir,

⁴ Além desta configuração silábica, o troqueu moraico, segundo Hayes (1995), apresenta também a configuração de uma sílaba pesada, ou seja, de uma sílaba com coda preenchida, correspondente a [ção].

ao lado de produtos semanticamente recuperáveis, formas cujas bases não são recuperáveis facilmente neste produto. Esta perspectiva semântica ao lado das questões formais exploradas em Vital & Gonçalves (2023) e neste presente texto compõem a tecitura da arquitetura gramatical do processo de *blending* no PB.

6 Considerações finais

Como recapitulação das questões tratadas ao longo do texto, pode-se dizer que as predições teóricas em Vital e Gonçalves (2023) se aplicam à base de dados reunidas neste artigo a partir de Espadaro (2018), Balduino, Freitas & Espadaro (2022) e dados inéditos deste estudo, que constituem dados oriundos de lapsos de fala. Isso posto, retomamos as perguntas feitas na abertura:

1) BLs constituem um conjunto especial de operações em relação à gramática dos cruzamentos vocabulares?

Resposta 1: Da perspectiva semântico-cognitiva, BL mesclam bases de maneira não-intencional, o que ajuda a responder sobre *outputs* de BL em que as bases são não-reconhecíveis. O reconhecimento das bases de *input* é condição primordial à semântica de cruzamentos vocabular em PB no geral (cf. Gonçalves, 2003; 2006; Vital & Gonçalves, 2023). Na perspectiva formal, BLs são formados pelas mesmas forças que formam os *blends* fonológicos e *blends* morfológicos, i.e., o compartilhamento de estatuto silábico entre bases e a escansão de pés métricos das bases como lócus, respectivamente;

2) BLs ajudam a responder sobre questões relativas à semelhança fonética dos Cruzamentos vocabulares tipo 1 para Andrade (2008), tida por Vital e Gonçalves (2023) como “fator pragmático de sucesso”?

Resposta 2: Ao que parece, os BLs mostram que a semelhança segmental (ao lado da inexorável questão da “semelhança de papel silábico”) não é apenas um fator pragmático de sucesso, como dizem Vital & Gonçalves (2023), uma vez que até mesmo em contextos não intencionais a semelhança/similaridade é evocada, o que pode jogar luz sobre questões de processamento linguístico de *blends*. No caso de BLs, a semelhança segmental parece ser ainda mais relevante do que no caso de BNs;

3) BL's ajudam a responder questões sobre qual subtipo de cruzamento vocabular (*blends* fonológicos x *blends* morfológicos para Minussi & Nóbrega (2014)) é mais emergente à gramática?

Resposta 3: Gonçalves (2006) diz que *blends* fonológicos respondem pela maioria (cerca de 80%) dos BNs em PB. Ao observar os dados analisados aqui, pode-se dizer, em termos preliminares, que esta tendência quantitativa no que diz respeito aos subtipos de *blending* - fonológicos (46 dados) e morfológicos (2 dados) - se mantém. No caso de BLs, a produção de lapsos de fala que gerassem *blends* fonológicos - que, em maioria, são sensíveis à semelhança/similaridade segmental - foi consideravelmente maior que a geração de *blends* morfológicos.

REFERÊNCIAS

DALDERETE, John. Speech errors and phonological patterns: Insights from psycholinguistic and linguistic theory. *Phonological Studies*, [S. l.], v. 23, [s. n.], p.77-20, 2019. Disponível em: https://www.sfu.ca/~alderete/pubs/alderete2020_SpeechErrorsPatternsPrepress.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

ANDRADE, Katia Emmerick. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, 2008.

ARAUJO, Gabriel. Morfologia não-concatenativa em português: os portmeanteux. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 39, n. [s. n.], p. 5-21, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v39i0.8636935>. Acesso em 24 jul. 2024.

BALDUINO, Amanda Macedo; FREITAS, Shirley; ESPADARO, Mayara. Aspectos fonológicos dos lapsos de fala: uma análise do processo morfofonológico de *blending*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 64, n. 00, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8666588>. Acesso em: 26 mai. 2024.

BELIAEVA, Natalia. Blending in Morphology. [S.l.]: 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-511>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BENCINI, Giulia. Speech Errors as a Window on Language and Thought: A Cognitive Science Perspective. *Altre Modernità*, [S. l.], [s. v.], [s. n.], p. 243–262, 2017. DOI:

10.13130/2035-7680/8316. Disponível em:
<https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/8316>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BOOMER, Donald; LAVER, John. M. Slips of the tongue. In: FROMKIN, Victoria (Org.). *Speech Errors as Linguistic Evidence*. The Hague: Mouton, 1973. p. 243-262.

DELL, Gary. A spreading activation theory of retrieval in sentence production. *Psychological Review*, [s. l.], v. 93, n. 3, p. 283-321, 1986.

ESPADARO, Mayara. *Os lapsos de fala em Português Brasileiro sob a perspectiva da morfologia distribuída*. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Linguística, São Paulo, 2018.

FROMKIN, Victoria A. The Non-Anomalous Nature of Anomalous Utterances. *Language*, [s. l.], v. 47, n. 1, p. 27–52, 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/412187>. Acesso em: 24 jul. 2024.

GARETT, Michael. The analysis of sentence production. In: BOWER, Gordon (Org.). *The psychology of learning and motivation*. New York: Academic Press, 1975. v. 9. p. 133-177.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], v. 5, n. 1/2, p. 169-184, 2006. Disponível em:
<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/945..> Acesso em: 05 dez. 2024.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: III CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. Anais [...]do III Congresso da ABRALIN. Niterói: UFF – Centro de Estudos Gerais, v. 1. 2003. v. 1. p. 824-831, 2003.

GONÇAVES, Carlos. Alexandre. V. Retrospectiva dos estudos em Morfologia prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, pp. 195-221, 2009. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1684>. Acesso em: 5 dez. 2024.

HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: Principles and case studies*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

ILIOVITZ, Erica. Fronteiras Linguísticas dos Lapsos da Língua. *Letras & Letras*, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 81-110, 2007. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/download/25315/14083/99199>. Acesso em: 5 dez. 2024.

ITO, Junko; MESTER, Armin. Recursive prosodic phrasing in Japanese. In: BOROWSKY, Toni; KAWAHARA, Shigeto; SHNYA, Takahito; SUGAHARA Mariko (Orgs.) *Prosody Matters: Essays in Honor of Elisabeth Selkirk*. Sheffield: Equinox, 2011. p 280-303.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 249–336, 1977. Disponível em:
<https://languageolog.ldc.upenn.edu/myl/LiebermanPrince1977.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2024.
Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.
DOI: 10.22456/2238-8915.141441

McCARTHY, Jonh; PRINCE, Alan. Generalized alignment. *In*: BOOIJ, Geert; VAN MARLE, Jaap (Orgs.). *Yearbook of morphology*. Amsterdam: Springer, 1993. p. 79–154.

MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vítor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 161-84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24978>. Acesso em: 05 dez. 2024.

NÓBREGA, Vitor; MINUSSI, Rafael. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, [s. l.], n. 91, p. 158-177, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rel.v91i0.40094>. Acesso em: 05 dez. 2024.

NOOTEBOOM, Sieb. The tongue slips into patterns. *In*: SCiarONE, A. G; VAN ESSEN, A.J; VAN RAAD, A. A. (Orgs.). *Nomen: Leyden studies in linguistics and phonetics*. [S. l.]: Mouton, 1969. p. 114-132.

SCHER, Ana Paula; TERRIBILE, S. A influência da produtividade nos lapsos de fala morfológicos do português brasileiro. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 88-101, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/34117>. Acesso em: 20 jul. 2024.

STEMBERGER, Joseph. Syntactic errors in speech. *Journal of Psycholinguistic Research*, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 313–345, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF01067585>. Acesso em 24 jul. 2024.

SYUKRI, Masitha. Slips of the Tongue Produced by Indonesian Children in Casual Conversation. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE PHENOMENA IN MULTIMODAL COMMUNICATIONS, 2018, Praga. *Proceedings [...]* [S. l.]: Atlantis Press, 2018. p. 321-326. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/klua-18/25900124>. Acesso em: 24 jul. 2024.

VILLALVA, A.; MINUSSI, R. Description and analysis of a Portuguese *blend* corpus. *Corpus*, [s. l.], v. 23, [s. n.], 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/corpus.6436>. Acesso em: 05 dez. 2024.

VITAL, Felipe; GONÇALVES, Carlos Alexandre. A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre blends lexicais no português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 120 – 140, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/60402#:~:text=Neste%20trabalho%2C%20que%20est%C3%A1%20dentro%20do%20quadro%20te%C3%B3rico,sem%C3%A2nticas%20que%20se%20imp%C3%B5em%20na%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20blends>. Acesso em: 05 dez. 2024.

WARKER, Jill.; DELL, Gary. Speech errors reflect newly learned phonotactic constraints. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 387–398, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0278-7393.32.2.387>. Acesso em: 05 dez. 2024.

ANEXOS

[Tabela dados blends lapsos de fala Vital e Balduino 2024.docx](#)

Artigo submetido em: 24 jul. 2024

Aceito para publicação em: 18 nov. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.141441>